

A Vida no Mundo Espiritual – Parte 1
Claudio C. Conti
www.ccontenti.com

Um ponto de muita curiosidade e, ao mesmo tempo, de muitos equívocos é a existência no pós-morte. No entendimento espírita, o pós-morte é o período entre encarnações e em outras vertentes de pensamento e religiosas, é comum interpretações das mais variadas com relação a este período. Consideram como certeza tanto as zonas infernais com toda a sorte de sofrimentos e, também, locais paradisíacos com toda a sorte de prazeres e/ou tranquilidade suprema onde reina a felicidade.

Nas diversas crenças, uns temem a morte enquanto outros vão ao seu encontro.

Independentemente do que acreditam, as versões convencionais não parecem como uma realidade viável, pois, estas situações não se assemelham com uma vida propriamente dita, isto é, não representam ideias que permitiriam um aprimoramento individual através de experiências. Surge, então, um questionamento se o Criador deste sistema estipularia apenas uma condição de aprimoramento que seria a expressão na Terra apenas. Tal visão é compatível com aquela em que tudo é decorrente da aleatoriedade da agregação da matéria nesta conformação.

Nas zonas infernais alguns ou muitos seres trabalhariam no sentido de infligir sofrimento em outros, enquanto nas regiões paradisíacas também haveria a necessidade de alguns ou muitos trabalharem para oferecer o prazer e satisfação aos outros. O trabalho, portanto, ainda existira nestas versões do pós-morte, apesar de limitado a alguns. Assim, quem seriam os trabalhadores e quem seriam as vítimas em um caso e os eleitos no outro?

Desta forma, a necessidade de encontrar algo racional nos impulsiona a buscar por entendimentos mais realistas, ou seja, em ambas condições, antes e após a morte, deve ser possível o aprimoramento pessoal através do trabalho e do estudo para todos. Assim, uns vislumbrariam um fim para o sofrimento enquanto os outros não permaneceriam em perpétua inatividade.

Não, não é fácil compreender uma outra condição de existência e, em decorrência desta dificuldade, procuramos simplificar ao máximo e nos colocamos sujeitos aos mais diversos equívocos.

Contudo, a dificuldade encontrada para o entendimento desta questão pode ser decorrente da nossa própria imaginação que desconsidera qualquer similaridade entre a condição de vida na Terra e aquela relativa ao pós-morte. Assim, devemos nos fazer a seguinte pergunta: Por que não pode ser similar? Na verdade, não existe qualquer motivo que impeça isso.

Neste contexto, qual seria a ocupação dos espíritos desencarnados?

Numa tentativa de responder esta pergunta, não bastaria apenas uma descrição, mas, para o aprimoramento do entendimento e, também, aceitação, é preciso apresentar um raciocínio mais elaborado.

Diante da diversidade de tendências, preferências e crenças que observamos na humanidade, não seria possível supor que todos coexistiriam pacificamente em algum local, haja vista que isso não ocorre na Terra. Mesmo dentro de uma mesma casa raramente impera a paz. Se houvesse harmonia entre as pessoas, o paraíso seria aqui mesmo.

Observa-se que pessoas que migram de uma local a outro em decorrência de dificuldades encontradas em seus locais de origem, tendem a replicar o mesmo padrão comportamental ao invés de se adaptarem aos costumes locais, chegando, muitas vezes, à imposição de seus próprios costumes.

Fácil, portanto, de conceber a impossibilidade de um paraíso onde as almas se reuniriam. Assim surgiu a ideia de um paraíso onde não se faz nada, a imagem das almas sentadas em gramados com lagos ou apenas nuvens.

A ideia do inferno, por sua vez, não difere muito. O que é sofrimento para uns pode não ser para outros. Assim, o inferno é retratado como um local muito quente, com fogo ardendo por todos os cantos, pois esta condição pode ser considerada como sofrimento para todos.

Percebemos, desta forma, que ambos extremos não podem representar a realidade, nem, ao menos, de forma aproximada.

Nesta visão limitada, aqueles que são considerados como sendo mais elevados, tais como os ditos anjos, santos, espíritos elevados ou qualquer outra denominação segundo a crença pessoal, acredita-se que se ocupam exclusivamente com os seres humanos, passando a existência cuidando de seus devotos ou adoradores.

Interessante observar que há uma tendência a considerar que os entes queridos, ao partirem, também se ocupam com sua contraparte que permanece viva, por assim dizer. Nesta visão, a vida no pós-morte consistiria em resolver, auxiliar e, até mesmo, evitar problemas para os outros.

Devemos convir que nenhuma destas abordagens parece muito interessante para se ocupar por toda a eternidade.

Allan Kardec, o Codificador da Doutrina Espírita, em seus questionamentos aos espíritos responsáveis pela informação, pergunta com o que se ocupam os desencarnados [1]. A resposta não poderia ser mais profunda e, ao mesmo tempo, mais simples, e diz que os espíritos “concorrem para a harmonia do universo, executando as vontades de Deus...” [1].

Percebemos, por esta colocação, que os espíritos possuem ocupações muito importantes e, como podemos imaginar, a harmonia do universo não é algo trivial e que exija muito trabalho.

Em não se considerando que o universo se mantenha por si só, tanto materialmente quanto com relação aos seus habitantes, podemos verificar que o paraíso em eterna ociosidade não existe, tampouco para os mais elevados, pois, podemos supor que a estes caibam os trabalhos mais expressivos.

Na continuação da resposta, observamos duas peculiaridades muito interessantes. A primeira é que, como podemos imaginar, a tarefa demanda “uma ocupação contínua” [1], a segunda é que, apesar de ser um trabalho contínuo, não é penoso, dizem eles, “como a vida na Terra, porque não há a fadiga corporal, nem as angústias das necessidades” [1].

Assim, como verificamos, os espíritos mais elevados não permanecem na inatividade ou, simplesmente, velando pelos habitantes da Terra como cuidadores. Todavia, resta ainda um ponto a abordar, a situação dos espíritos não tão elevados.

Kardec também questiona com relação aos espíritos inferiores e a resposta é deveras interessante. Dizem que “todos têm deveres a cumprir” [2].

Comumente, considera-se que Deus é o responsável pela criação de tudo e de todos, havendo os eleitos e os não eleitos. Os eleitos seriam apenas usufrutuários das benesses divinas, enquanto outros forneceriam os meios para sua satisfação.

Na visão da Criação considerada pela Doutrina dos Espíritos, todos nós, encarnados ou não, somos responsáveis pela manutenção do universo em que vivemos, com cada um fazendo o que lhe cabe segundo sua capacidade e campo de ação. Com cada um contribuindo, somos partícipes da grande obra. Assim, ninguém se consideraria um eleito, mas ciente da tarefa a cumprir, propiciando uma vida mais amena e digna para aqueles que se encontram hierarquicamente abaixo conforme o entendimento comum que, cientes de que também possuem uma tarefa a cumprir, seriam respeitados e mais felizes.

Surge, desta forma, um questionamento: Qual tarefa cabe a cada um?

Muitos pensam que lhes cabe algum papel fundamental e importante para o progresso da humanidade e, se não for assim, não valerá qualquer esforço. Contudo, apesar de todos os papéis serem importantes e fundamentais, a grande maioria não atrai atenção. Um bom exemplo é o da equipe de limpeza, indispensável para um ambiente saudável, que é de fundamental importância para aqueles que interagem com o ambiente, conquanto pouco reconhecido e valorizado. Apesar de um ambiente saudável em termos de higiene ser básico, um grande número de pessoas não desfruta de locais adequados.

Similarmente à limpeza, um sem número de atividades são importantes e essenciais para a vida das pessoas. Muitas delas podem fazer diferença para a vida de indivíduos específicos e, por isso, são essenciais para eles.

A Doutrina Espírita traz a informação de que a salvação, não no sentido teológico relacionado com o sofrimento eterno, mas como essencial para a saúde espiritual, somente é possível quando se vive nas bases sólidas da caridade. Infelizmente, no entanto, esta afirmação é interpretada muitas

vezes como doação de insumos, bens materiais e atividades assistenciais em geral que, apesar da grande importância, não necessariamente caracteriza caridade em si.

Essa colocação não visa de alguma forma minimizar a importância das obras assistenciais, muito pelo contrário, são extremamente meritórias e fundamentais para aqueles que recebem. Todavia, buscamos, aqui, aprimorar o entendimento dessa atividade e a postura pessoal diante de tantas outras situações com as quais nos deparamos no dia-a-dia.

Assim, para as entidades cuja atividade principal é a assistência social, a avaliação do trabalho desenvolvido deve estar relacionada com a quantidade de pessoas atendidas e a qualidade do atendimento nas suas mais variadas expressões.

Todavia, no caso das entidades cuja atividade principal é o aprimoramento espiritual, tais como as casas religiosas e espíritas, a atividade assistencial deve ser o objetivo secundário, o que não significa que deva ser pequeno ou inexistente, não deve ser a métrica de avaliação da instituição.

Para as casas espíritas particularmente, a avaliação da efetividade da atividade deve ser o número de consciências que foram libertas ou, ao menos, enfraquecido os grilhões que as mantém presas em sofrimentos dos mais variados matizes e, como consequência, ligadas à um mundo na condição de provas e expiações como o planeta Terra. Nesta abordagem, a avaliação das práticas didáticas e sua adequação à Codificação Kardequiana seria mais pertinente.

Apesar de parecer se tratar de apenas um exercício mental, a busca do entendimento sobre a ocupação dos desencarnados dá ensejo ao aprimoramento de todo um procedimento relacionado com as instituições e com nós mesmos enquanto espíritas, pois nortearmos melhor a nossa existência enquanto encarnados.

O ponto principal é que, como todos os espíritos, independentemente do grau de conhecimento, contribuem para a manutenção da harmonia do Universo apesar de serem processos inconscientes para muitos, temos deveres a cumprir, estando conscientes disso ou não.

Para a grande maioria da humanidade terrestre, a inter-relação com Deus é baseada em processos inconscientes. Por isso, os “profetas” são sempre necessários, além das grandes revelações nos adventos de Jesus e do Espiritismo.

A revelação trazida por Jesus, mais conhecido como O Evangelho, chegou até os dias atuais através das descrições dos ensinamentos pelos denominados Evangelistas. Marcos, Mateus, Lucas e João são os mais conhecidos por terem sido reconhecidos pela Igreja, porém, há vários outros.

O Espiritismo, por sua vez, é uma revelação que foi apresentada à humanidade por aqueles incumbidos de o fazer, isto é, não se trata de um relato ou interpretação, mas os ensinamentos em sua forma mais pura trazidas pelos espíritos. O Espiritismo também é conhecido como Doutrina dos Espíritos, pois foram eles que a apresentaram ao mundo. Allan Kardec codificou os ensinamentos no formato de livros que estão disponíveis a todos e, por isso, não podemos mais clamar por ignorância ou dificuldade de entendimento. A responsabilidade no estudo e divulgação espírita aumenta consideravelmente quando comparado com os divulgadores dos ensinamentos de Jesus após sua desencarnação, pois, estes se baseavam naquilo que estava disponível, isto é, relatos de terceiros que não necessariamente ouviram diretamente de Jesus.

Algumas colocações podem não agradar a muitos, contudo, com a mente aberta, é fácil de compreender que grande parte dos ensinamentos de Jesus foram alterados ao longo dos anos e, inclusive, o próprio entendimento das descrições do Evangelho. Com relação a essa questão, encontramos alguns alertas na Codificação Espírita, a saber: “No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram” [3] e “Meus bem-amados, são chegados os tempos em que, explicados, os erros se tornarão verdades. Ensinar-vos-emos o sentido exato das parábolas e vos mostraremos a forte correlação que existe entre o que foi e o que é” [4]. O primeiro alerta é do Espírito de Verdade (espírito) e o segundo de João Evangelista (espírito).

Analisando o que foi apresentado com pragmatismo, verifica-se que os trabalhos assistenciais, apesar de extremamente importantes, solucionam ou minimizam problemas e questões pontuais e limitadas no tempo. Por outro lado, pode-se conceber que a libertação de consciências dos atavismos arcaicos que mantém a humanidade presa às limitações da forma material, acreditando que tudo se

resume entre o nascimento e a morte, buscando a satisfação única das necessidades materiais e dos sentidos exerce uma ação muito mais profunda, com efeitos benéficos para a eternidade.

Na Codificação Espírita encontramos importante alerta com respeito ao que foi apresentado ao dizer que “Pelo que respeita ao grande número de homens que, morrendo, têm que passar longas horas na perturbação, na incerteza de que tantos já vos falaram, esses vão, enquanto dormem, ou a mundos inferiores à Terra, onde os chamam velhas afeições, ou em busca de gozos quiçá mais baixos do que os em que aqui tanto se deleitam. Vão beber doutrinas ainda mais vis, mais ignóbeis, mais funestas do que as que professam entre vós” [5].

Notas bibliográficas:

1. Allan Kardec; O Livro dos Espíritos, questão 558.
2. Ibidem; 559.
3. ___; O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. VI, item 5.
4. Ibidem; Cap. VIII, item 18.
5. ___; O Livro dos Espíritos, questão 402.